

FREITAS FILHO, Armando. *Raro mar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Mário Alex Rosa
Universidade de São Paulo/UNI-BH

Muitos poetas, como se sabe, deixaram registrados o seu olhar sobre a cidade de origem ou a que adotaram. O tema é bem antigo e, para não nos prolongarmos, fiquemos com os “Quadros parisienses” em *As Flores do mal*. Neles Baudelaire observou a capital francesa do século XIX como um *flâneur*. No Brasil, século XX, Drummond escreveu tanto sobre Minas como também sobre o Rio de Janeiro, cidade que adotou. João Cabral, por sua vez, homenageou Pernambuco e Sevilha. Bem antes, Mário de Andrade, em 1922, publicou *Paulicéia Desvairada*, livro quase todo dedicado a São Paulo.

Em *Raro Mar* (2006), o poeta contemporâneo Armando Freitas Filho também percorre sua cidade, o Rio de Janeiro, travando com ela uma relação de amor e espanto. O

contraste entre a beleza natural e a violência que assalta a *cidade maravilhosa* sugere a dialética como única possibilidade de observar esse lugar, pois, ao mesmo tempo em que o poeta é tomado pela beleza, essa lhe é roubada por um bloco de cimento armado que, aos poucos, diminui o horizonte e empareda a palavra, o poeta e os moradores, porque “A morte se transmite em código por celular rascante, funkeado”.

Consciente dessa situação limite, já em *Números anônimos* (2004), livro excepcional, Armando Freitas não deixou de registrar magistralmente os acontecimentos transcorridos no Rio à época: “Rock, samba, funk cabeludo/ ou uma trilha para a guerra:/ escopetas, de sol a sol sempre/ no último furo, fuzilando”, ou nestes versos de um tom áspero: “A cidade atravessa o dia/ engatilhada. /Anônimo, mata ao acaso/ e escapa, acossado/ atirando

para o alto/ no alvo do sol
certeiro”.

O novo livro *Raro Mar*, guardadas as diferenças, lembra-nos *Números anônimos*. O retrato da cidade parece não ter mudado muito. No entanto, o olhar agora, embora ainda apaixonado, apresenta-se mais sentencioso como mostra o poema “Rio de Novo”: “A cidade me rende mil montanhas/ o mar, que de tão onipresente/ não é mais visto nem a maresia/ sentida./ O céu passa abreviado/ o coração pára sob o sol obrigatório/ que continua batendo até o suicídio/ de cada dia./ de todas as cores, na noite/ onde morrem convictas estrelas traçantes/ no palco armado para a lua./ A cidade me rende e imprensa – entre / paisagem e tráfico – à mercê da carne”. É inevitável voltarmos nossa atenção para a força do poema e particularmente para a construção dos dois últimos versos onde os travessões reforçam a idéia de emparedamento entre o belo e a brutalidade do lugar, cujo nome encontra-se ironicamente no título do poema, ou seja, o novo já é velho e a carne, leia-se vida, fica à mercê de tudo. O diálogo dissonante entre beleza e violência continua em “Geral”, “Firmamento”, “Litoral” e “Morro”, poemas que dão a dimensão de um poeta que caminha aberto a tempestades, observando os contrastes de sua cidade.

Ao lermos Armando Freitas, temos a sensação de que seus poemas são um amálgama dos sentidos, sobretudo o da visão, o da audição e o do tato (se pensarmos no erotismo, um dos núcleos sempre presentes). Os sentidos aguçados do poeta parecem não querer perder detalhe algum. Tudo é captado e bem estruturado em cada verso. O poeta deseja aliterar tudo; evidentemente sem nenhum artifício frio e calculado, como percebemos no ritmo pulsante do belo poema “Litoral”, onde tudo pode acontecer em frações de minutos diante de um sinal de trânsito.

É importante frisarmos que a poesia de Armando Freitas está longe de uma proposta engajada ou de uma poesia social presa ao mundo real. Ao contrário, ela mimetiza de forma crítica o mundo no qual o poeta vive. A urgência de não deixar escapar nada, de se colocar no risco entre poesia e vida, mostra-nos a inquietude de um poeta que deixa transparecer as impurezas. A ferida parece estar sempre aberta. Talvez seja por isso que a crítica nunca hesitou em chamá-la de uma poética *visceral*. E não há outra maneira senão deixar tudo exposto, porque esse é um modo de estar no mundo sem aparar as arestas.

Se, por um lado, *Raro Mar* conflitua com paisagens, por outro, Armando Freitas continua dialogando com

dois poetas caros a sua formação: Drummond e Cabral. Essa troca é marcada por tensões de adesão e negação. Tudo se impõe como se lê-los fosse uma maneira de se libertar deles. Entretanto, ao que nos parece, quanto mais Armando Freitas escreve mais ele acentua a admiração a Drummond e a negação, ainda que muito bem formalizada, da construção cabralina. Nota-se ironicamente que no título “Outra receita”, o poeta propõe uma exposição mais misturada entre, digamos, a pedra e o feijão, o bruto e o lapidado que fazem parte da anti-receita freitasiana. Em Drummond, a tensão é ainda maior, pois o *eu retorcido* do poeta mineiro parece retorcer o poeta carioca, e o que se vê é uma inflexão de um poeta-leitor que não oscila em afirmar que a poesia de Carlos Drummond nos atravessa para sempre.

Afora esses diálogos, há poemas que nos remetem às artes plásticas, como “Ar e terra”, uma bela homenagem ao escultor Amílcar de Castro. Lendo-os, reencontramos a própria poética de Armando. Dizer do outro é dizer também de si mesmo. É como uma metalinguagem, um modo de falar da construção do próprio poema. E, por fim, há toda uma seqüência de poemas nomeados por números, já iniciados em *Numeral Nominal*, reunidos em *Máquina de Escrever* (2003). A sensação é que essa nume-

ração – toda datada – é um desafio para o próprio poeta, pois, se os números são infinitos, até quando será capaz de numerar? Até onde pode ir a criação? Ela tem limites? Não temos respostas, ou melhor, ficaremos aguardando os próximos livros do poeta.

A rigor, essa obstinação não tem o caráter de uma *máquina de escrever* que reproduz em série. Na verdade, o que caracteriza essa busca, é uma mistura de um poeta verdadeiramente apaixonado pela palavra, pelo fazer, por querer estar sempre desafiando a si mesmo e a linguagem. Enfim, um poeta que procura saber até onde a sua linguagem pode alcançar. É uma verdadeira batalha do dizer, do nomear e numerar, uma obsessão, pois “A noite desafia o dia/ que cada dia é menos um” (“41”). Assim, Armando se coloca diante do risco da criação, porque o amálgama entre vida e poesia parece se alimentar um do outro. Desse modo, a falta de um pode resultar no que diz o verso do poema “44”: “Parar de escrever pode ser morrer”. Aqui a tensão do limite é marcada pelo tempo de vida que resta: cada dizer é um escrever a menos, é menos um poema, é não dissociar vida e morte. Um exemplo é o belíssimo poema “62”, onde tempo, memória, passado e presente encontram-se no diálogo com a imagem paterna.

É importante ressaltarmos que a numeração crescente não é apenas uma série ou um jogo de efeitos criativos. O sentido não está na numeração em si, mas no que o poeta se propôs a fazer, ou seja, numerar até quando a vida e a poesia permitirem. O que nos chama a atenção nessa numeração é a relação que o poeta trava entre passado e presente, entre o aqui, o

agora, e o que já ficou para trás. A fórmula seria mais ou menos assim: aproximar-se do fim é também distanciar-se dele, recordar é guardar de novo no coração. O exercício de relembrar é, na poesia de Armando Freitas, um modo de encarar a “indesejada da gente”, seja qual for. No caso de Armando é o corpo, os amigos, o Rio de Janeiro, a poesia, a morte e, enfim, a vida.